

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO.

1^a Epist. aos Corinthios cap. I, v. 23.

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 102

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura annual 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qualquer mez, mas finda em Dezembro

ANNO IX

Rio de Janeiro, Abril de 1900

NUM. 100

A Escola Dominical

IV

O anno de 1784 tornou-se celebre nos annaes da Escola Dominical. Nesse memoravel anno não só fundou-se a primeira escola dominical em Londres, como abriram-se milhares em todo o Reino Unido. O efecto da propaganda pela imprensa estava fazendo-se sentir.

No anno seguinte teve lugar a fundação da primeira sociedade para auxiliar as Escolas Dominicaes.

Tinha por titulo: «Sociedade para Manutenção e Animação de Escolas Dominicaes nos diferentes condados da Inglaterra.» Calculava-se que já existiam na Inglaterra nesta occasião, pelo menos 250.000 alumnos.

Em Outubro de 1786 principiaram a registrar os nomes dos alumnos e a sua assiduidade, para servir de base ás estatísticas. A Sociedade comprava Biblias, Novos Testamentos e Syllabarios, para fornecel-os gratuitamente ás escolas. Também despendia muito dinheiro com os professores; até 1811, quando foi iniciado o serviço voluntario, todos os professores eram pagos. Recebiam de 1 shilling a 1-shilling e meio por dia de lição. Esta mudança melhorou muito o caracter do ensino nas Escolas Dominicaes e deu-lhes maior incremento.

Esta instituição obteve desde o seu principio o apoio dos membros mais proeminentes do clero e da sociedade. A propria rainha Carlota tomou grande interesse nas Escolas Dominicaes, e mais de uma vez conversou com uma professora sobre a possibilidade do estabelecimento de Escolas

em Windsor, o que se realizou logo depois.

O movimento na America, se bem que tivesse começado mais tarde, tomou logo grande incremento; os seus primeiros professores tiveram de soffrer alguns vexames, pois o povo não estava acostumado a isto. A primeira escola foi fundada em Nova York em 1791, a segunda em 1793 e a terceira em 1809.

A 13 de Julho de 1803 fundou-se em Londres a «União da Escola Dominical» com o fim de fomentar o desenvolvimento das Escolas Dominicaes e de preparar literatura appropriada ás suas necessidades, e de vigiar e animar os professores e alumnos.

Esta união dedicou-se muito a estender a classe de professores voluntarios, pois os que eram pagos não procuravam fazer mais do que o que lhes dava direito ao salario.

Vemos no seguinte caso uma prova do que afirmamos. Numa escola de Wal-worth, o professor era pago á razão de um penny por alumno, até 30 alumnos; o que excedesse desse numero não daria direito á percepção do salario equivalente. O resultado foi que elle sempre arranjava a ter trinta alumnos e mais *nem um*. Se o numero baixava a 28 ou 29, mandava uma das crianças buscar um ou dous alumnos, para não perder o direito aos 30 pence.

Quando este professor foi dispensado e a escola foi dirigida por Joseph Fox, William B. Gurney e outros professores gratuitos, o numero de alumnos subiu logo a cento e oitenta. Por aqui vemos como foi opportuna e abençoada a idéa do professor voluntario.

Esta União trabalhou muito durante es-

tes annos e muito tem feito para esta abençoada causa.

Fallemos agora um pouco sobre edificios appropriados.

As Escolas Dominicaes no principio tinham lugar nas casas dos professores e muitas vezes em cozinhas. Mais tarde obtiveram cessão de uma ou outra capella; e posteriormente grande numero de casas das escolas parochiaes eram utilizadas nos domingos para este fim. Os Estados Unidos da America neste ponto estão mais adiantados, pois além de possuirem edificios proprios tem-nos mobiliado a capricho e com todo o conforto, tornando-os por isso muito attractivos.

Entre nós é costume servirem-se dos proprios edificios da Igreja e salas adjacentes e não nos consta que se tenha construído um edificio especial para este fim.

Quando as escolas foram iniciadas pelo Sr. Raikes tinham por fim atrahir a parte mais baixa da sociedade e dar-lhe instrucção religiosa e o conseguiram com brilhante exito. Com o rapido desenvolvimento que esta instituição teve, a classe media tomou parte activa nella, a ponto de ficarem olvidadas as crianças pobres e esfarrapadas para os quaes esta instituição tinha sido ideada.

Levantou-se então a idéa das Escolas de Esfarrapados. (Ragged Schools).

Para esse fim fundaram em 1844 uma sociedade com o titulo «Ragged School Union,» que teve por presidente o philantrópico Lord Shaftesbury, e que tem prestado grandes serviços a esta causa.

Quando esta União formou-se, já havia cerca de 20 escolas destas, muito florescentes, a maioria das quaes era dirigida pelos seus promotores, que eram limpadores de chaminés, têceelões, ferreiros, etc.

Se por um lado, a classe infima tinha sido olvidada, por outro lado a classe mais alta da sociedade não tinha sido apanhada pela Escola Dominical.

Para remediar esta falta; fundaram as «reuniões de sala de visitas» que até certo ponto deram resultados magníficos. Isto na Inglaterra.

Na America resolvaram a questão de outra fórmula. A esforços dos ministros, as famílias aristocráticas resolvaram mandar os seus filhos á Escola Dominical. A principio, tornou-se reparado pelos que eram mais orgulhosos do que religiosos, mas depois acostumaram-se a isso e mui-

tos desses tambem mandaram os seus filhos.

A Escola Dominical foi annexado o curso infantil, que tinha por fim infundir ás creanças desde sua tenra edade o amor de Deus. Para conseguir esse *desideratum* usam de caixas com letras, de desenhos nas lousas e outros meios ao alcance dellas.

Outro facto que chamou a atenção dos mentores desta instituição foi o de procurar reter os alumnos mais velhos. Acontecia que depois de 15 annos, os alumnos deixavam as classes. Procuraram então estabelecer umas Classes Bíblicas para adultos, em salas separadas das outras classes, com o fim de preparal-os para a entrada na Igreja. Com estas Classes conseguiram reter cerca de 20% dos alumnos. Na America conseguiram reter maior porcentagem de alumnos.

No proximo numero trataremos ainda do mesmo assumpto.—FRANDES GRABAE.

Estudo Bíblico

Tabernaculo.

Offertas queimadas.

Jesus era a grande offerta, ou holocausto, oferecido pelo peccado. (Heb. 13 v 12.) Altar de bronze.

Para alli eram trazidas as offertas. O altar era de madeira e coberto de bronze, tendo um lugar onde o fogo era conservado para queimar os sacrificios offertados a Deus. (Ex. 27; Lev. 8 v 15.) Jesus era tudo neste symbolo. A sua natureza humana era symbolizada pela madeira; a natureza Divina, pelo bronze. Assim como o bronze protegia a madeira para não ser consumida pelo fogo, tambem a natureza Divina de Jesus protegia a sua natureza humana, quando o fogo da ira de Deus queimava e aceitava o sacrificio que Jesus offerecia de si mesmo.

A cruz não era o altar. E' o altar que santifica a offerta. (Matt. 23 v 19,) mas a cruz era maldita. (Gal. 3 v 13.)

O Altar era a pessoa de Jesus, Ele era uma pessoa revestida das naturezas Divina e Humana. e por Ele ser Divino, a offerta de seu corpo em sacrificio pelos peccados do mundo, era santificada, dando-lhe um valor infinito para salvação de todos.

Elle, Jesus, não offereceu a si mesmo

uitas vezes, mas como uma só offerenda o seu corpo, santificou para sempre aqueles que crerão n'Elle. (Heb. 9 v 24, 25, 3; cap. 10 v 10 a 12.)

Jesus era tambem a offerta—o Cordeiro e Deus immolado. (1º Pedro 1 v 19.)

O Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo. (João 1 v 21.)

O Cordeiro, nossa Paschoa, sacrificado por nós. (1º Cor. 5 v 7.)

Esta offerta de Jesus foi aceita por Jesus, o Pai, como uma offerenda e hostia em odor de suavidade. (Efes. 5 v 2.)

A Bacia.

Estava depois do altar onde os sacerdos lavavão as mãos e os pés, ficava entre altar e o santo lugar. (Exodo 30 v 18 21.)

Depois da offerta, a lavagem diaria é necessaria. Jesus foi baptisado com agua, ño porque Elle precisasse de purificação. (Iatt.) mas como symbolo de sua perfeição e santificação pelo Espírito Santo. (Heb.)

O crente é um sacerdote. (1º Pedro 2 v 5) e elle deve ter o seu corpo lavado. (Ieb.) isto é, purificar-se espiritualmente, elle está lavado pelo sangue de Jesus e geração do Espírito Santo.

Mas, elle ainda não chegou ao céu, o lugar onde não ha peccado. Elle está entre altar e o santo lugar, e todos os dias lquire immundicias espirituas que contaminão a sua alma. As mãos significão serviço, os pés, o caminho.

O crente deve todos os dias chegar-se á arca, áquelle sangue de Jesus que purifica de todo o peccado (1º João 1 v 7.)

«Cheguemo-nos a elle com verdadeiro oração, revestidos de uma completa fé, indo os corações purificados de consciência má e lavados os corpos com agua limpa.» (Heb. 10 v 22.)

Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. (João XVI, 3.) e Elle é a entrada que nos leva ao santuário. (Heb. 10 v 19, 20,) o su da sua humanidade que cobre a glória da Divindade. (Efes. 2 v 18.)

No altar de bronze offerecia-se o sacrifício pelo peccado. (Lev. 13 v 46; cap. 16 27; Num 5 v 1 a 4; Salmo 18 v 22, 59.) Jesus se offereceu como um sacrifício pelo peccado, sendo crucificado no Calvario. (João 19 v 17, 18,) padecendo fóra das portas de Jerusalém. (Heb. 13 v 12.)

Por Adão perdemos a comunhão com Deus, mas por Jesus Christo somos res-

taurados. (Lev. 13 v 45 ; Salmo 40 v 12 comparado com 2º Cor. 5 v 21. e Heb. 13 v 12.)

A offerta era dividida em tres partes, e o sangue levado por Arão ao Santo dos Santos. (Lev. 16 v 15.)

O resto da offerta era queimado fóra. (Lev. 16 v 27.) O sangue de Jesus é o symbolo da sua vida, o sangue de nossa redempção e remissão de peccados. O seu corpo foi offerecido em holocausto no altar de sua Divindade, recebendo o fogo da ira de Deus, e levado fóra da cidade.

Elle se offereceu como hostia a Deus, em odor de suavidade. (Efes. 5 v 2,) e foi feito maldição por nós. Gal. 3 v 13.)

Depois da bacia estava o Santo Lugar. (Ex. 40; Salmo 84; Heb. 9,) e nelle estava o candieiro de ouro, altar de ouro e a mesa com 12 pães, que se mudavão todos os Sabbados.

Christo é a Luz do mundo e tambem para a sua Igreja, e está em união com ella. Elle é um candieiro. (Ex. 35 v 31; Zec. 4; Apoc. 1 v 12, 20.)

No altar de ouro era offerecido incenso. (Ex 30 v 1 a 10; Salmo 41 v 2; Lev. 19 v 11.)

E' pelo nesso Summo Sacerdote Jesus, que está no céo, quas as nossas orações são offerecidas a Deus, e por Elle são apresentadas como incenso. (Heb. 8 v 1, 2 ; cap. 10 v 21.)

Os crentes são o pão diante de Deus. (1º Cor. 10 v. 17,) e elles devem ser pães amados, sem o fermento velho da malicia e da corrupção. (1º Cor. 5 v 7, 8.)

No Santo lugar havia outro vén que dava entrada para o Santo dos Santos, porém, só uma vez no anno o Summo Sacerdote podia entrar alli, vestindo-se todo de branco.

Neste lugar estava a arca e o prepectorio. (Heb. 9 v 2 a 5.)

Na arca estavão as taboas da Lei, o manna e a vara de Arão.

Esta arca era um symbolo de Jesus. Elle obedeceu á Lei de Deus. (Gal. 4 v 4.)

A sua obediencia foi perfeita. (Rom. 5 v 19.)

Elle é o verdadeiro manna, o Pão do céo. (João 6 v 32 a 35.)

Tambem é o verdadeiro Sacerdote, instiuido por Deus. (Heb. 5 v 4 a 6.)

A arca era de madeira forrada de ouro.

A madeira era typo da natureza humana, e o ouro, da natureza Divina: «O Verbo era Deus.

O Verbo se fez carne (tabernaculou) e habitou entre nós, e nós vimos a sua gloria, gloria como de Filho Unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1 v 1, 14.)

A tampa da arca era de ouro, e chama-se propiciatorio.

Jesus é o nosso propiciatorio, o lugar onde Deus se torna propicio ao peccador convertido e lavado pelo sangue de Jesus: Somos justificados gratuitamente por sua graça, pela redempção que temos em Jesus Christo.

«Ao qual propoz Deus para ser vítima de propiciação pela fé no seu sangue» (Rom. 3 v 24, 25.)

«Elle é a propiciação pelos nossos pecados.» (1º João 2 v 2.)

Foi este véo que se rasgou de cima para baixo quando Jesus morria na cruz. (Matt. 27 v 50, 51.)

Este véo era symbolo da natureza humana de Jesus. (Heb. 10 v 20.)

O rasgamento de cima para baixo significava que Deus rasgava a carne de Jesus na cruz, morrendo em expiação dos pecados do mundo, e por isso o caminho para o Santo dos Santos abria-se para o peccador reconciliar-se com Deus.

Arão entrava alli só uma vez por anno, vestido todo de branco, levando uma bacia com sangue da victimá offerecida pelo peccado, e com esse sangue espargia sete vezes o propiciatorio. (Heb. 9 v 7 a 12.)

Jesus Christo pela sua rectidão e morte, entrou no santuário apresentando o seu sangue e (symbolo de sua vida entregue) e adquiriu uma redempção eterna.

Agora aquelles que crém em Jesus, tem paz com Deus. (Róm. 5 v 1.)

Nada de condenação ha para elles. (Róm. 8 v 1,) e são edificados para morada de Deus pelo Espírito Santo. (Efes. 2 v 22.)

JOÃO DOS SANTOS.

Religião da Maioria ...

Continuamos a commentar alguns factos da religião da maioria, para se ver o valor moral e religioso que ella tem.

**

Romaria idolatra. — Realizou-se no dia 25 de Março uma grande romaria de romanos ao sanctuário de Congonhas do Campo, em Minas. Chamam de Sanctua-

rio um lugar qualquer onde estão acumulados uns tantos ídolos, pelos jesuítas que infestam aquella localidade. Os peregrinos uniram-se em Juiz de Fora por commun accordo, e d'ali foram regrinando commodamente pela estrada de ferro até Congonhas. Porque aqui chegam de peregrino a quem viaja com todas as commodidades, em 1º classe, com lauta mesa e bom vinho, segundo o que nos relataram os telegrammas. E' um pandeiro! Houve um commerce fabuloso de cera santos, manipões, bentinhas, indulgências, veronicas, bebidas alcolicas, reliquias, e outras cousas más.

E todos voltaram muito satisfeitos do passeio, ou da agradável peregrinação, coração à larga e o bolso mais aliviado.

Chamam a essa passeata «Homenage a Jesus Christo, Redemptor, e ao seu Sagrario na terra Leão XIII !!

Que blasphêmia!

Então é por esse modo que se adora Jesus Christo ??

Que os romanos adorem o Papa (deus) por esse modo, vá... porque um homem, pobre mortal, peccador infallível gosta destas homenagens e aduladações...

Mas a lei de Deus prohíbe terminantemente que se tribute a homens qualquer culto; e prohíbe que se tribute a Jesus um culto idolatra, como esse. Em toda parte se adora a Jesus; não é em certos lugares.

**

Missa de desagravo. — De uma varado «Jornal do Commercio» de 29 Março :

«O Illm. Cabido realiza amanhã Cathedral a commemoração annual desacato commettido em 1892, contra imagem de Christo no Jury desta Capit.

... o Cabido, clero e mais fiéis protestar a imagem que é a mesma estavano no Tribunal do Jury.»

O historico dessa pantomina resume-nisto :

Em 1892 ainda havia na sala do Jury sobre a cadeira do juiz, uma estatua de Jesus Christo. Um ou dois membros da igreja do Dr. Ferreira, protestaram contra a permanencia d' aquella imagem, no salão publico, pois que sendo symbolo de uma religião, não podia pela lei, estando depois de separada a igreja romana do Estado, em um edificio publico;

les, sendo jurados e protestantes, não odiam em consciencia, tolerar aquillo que offendia as suas crenças. Pediam, então, que fosse ella retirada da sala.

O juiz, nem o governo, attenderam á reclamação.

Poucos dias depois, apparece a imagem, quebrada e jogada ao chão. Attribuiram o insulto ou agravo a um dos membros dessa igreja ; o qual esteve até preso legalmente. O inquerito policial, porém, nada provou.

Os romanos, aproveitando e explorando o facto, fizeram uma grita medonha contra todos protestantes em geral.

Então José do Patrocinio promoveu uma celebre procissão de desagravo á imagem !

O que foi aquella procissão, ainda está na memoria de todos : uma multidão compacta de povo (muitos padres no meio), percorreu as ruas centraes, gritando, como possessa, apedrejando as igrejas evangelicas, insultando e aggredindo cidadãos nermes, que não se ajoelhavam ou que não tiravam immediatamente o chapéu, e fazendo, enfim, mil disturbios !

Uma verdadeira arruaça e palhaçada indigna de uma cidade civilizada ! Mas, ... estava desaggravado o idolo romano !

Um anno depois, ou mais, soube-se que tudo aquillo foi plano politico de José do Patrocinio; asseclas delle é que quebraram a imagem, attribuindo, depois, o facto aos protestantes; para poderem arranjar aquela manifestação ordinaria, que não era mais do que manejos politicos !...

Pois é essa palhaçada ou comedia que o Cabido romano vae commemorar, no seu culto idolatra ! Todo o clero e fieis irão beijar aquelle idolo de madeira, como si Christo, que está nos Céus, tivesse soffrido alguma cousa com a fractura d'aquelle pedaço de pão !

E dizem que não adoram idolos, os romanos !...

Oh ! terrivel e perigosa cegueira espiritual !...

A «Estrella do Céo». — Entre os annuncios de loterias e casas de commercio de imagens e outros objectos de culto idolatra, que enchem uma pagina do «Apostolo», encontra-se este, que não fica atraç, na exploração da religião, como meio de vida.

A «ESTRELLA DO CÉO»

Prodigiosa oração contra a peste, encontra-se em casa de

Marcellino, Teixeira & C.

95 RUA DA QUITANDA 97

Preço—cento 5\$000.»

Digam os imparciaes si isto não é uma indigna e miseravel exploração da credulidade publica ! Elles mettem as botas no espiritismo, e a policia ás vezes persegue alguns espiritas por explorarem a credulidade publica, o que tem punição no código ; porém, em que differe uma exploração da outra ? Esta exploração da credulidade e do fanatismo religioso para fins pecuniarios é a cousa mais commum que ha no romanismo ; tanto nas cidades civilisadas, como no interior. Os proprios romanos serios condemnam essa torpe exploração ; mas esses são rarissimos.

LAURESTO.

Fragments

PEDRA BRANCA

Quando um criminoso contra o Estado era julgado, nos tempos antigos, os cidadãos que votavam pela absolvição, davam uma pedra branca, e os que condemnavão uma pedra preta. O Senhor Jesus vota pela absolvição, oferecendo uma pedra branca. (Apoc. 2, v. 17).

Muitos costumes estavão ligados, nos tempos antigos, com o sellar. O sello, sendo geralmente um annel com o nome do possuidor, perseverava o objecto. (Job 14, v. 17), e segurava o segredo. (Isaias 29 v. 11).

Elle dava autoridade e perfeição a documentos (2º Esdras 9, v. 38. Esther 8, v. 8; Dan. 6, v. 9, 13 e 17).

Tambem marcava o objecto como propriedade peculiar daquelle cujo sello era collocado sobre elle. (2º Tim. 2 v. 19; Rom. 4 v. 11; Apoc. 7 v. 2, 3).

JOÃO DOS SANTOS

Um Frade Moribundo

(Vertido do hespanhol por A. J. Millan.)

Dois frades achavam-se n'un estreito recinto pobramente mobiliado.

Via-se n'elle unicamente uma tosca mesa, e sobre ella uma caveira, especie de

memorial da terrível sentença de morte que a justiça de Deus pronunciara contra o homem, quando a comunhão entre ambos ficou quebrada pelo peccado.

Sobre a ossea fronte do crâneo inanimado lia-se a divina sentença: «Porque tu és pó, e ao pó voltarás» (*Genesis III: 19.*)

Uma cama de madeira em forma de caixão mortuário, com um pequeno e miserável colchão, servia de leito a um frade jovem, que achava-se próximo a morrer d'essa triste enfermidade, chamada tísica.

O moribundo era dotado de um espírito nobre e intelligente. Naturalmente amavel, sincero e recto, possuia modos mui doceis, e uma educação superior.

Sua humilde innocencia eram as de um menino.

Fazia um anno que estava padecendo, e a sua ultima hora approximava-se. Irreprehensivel quanto á disciplina do convento, o joven, cheio de zelo, observava todas as ordenações ecclesiasticas, cumpria com regularidade todos os seus deveres religiosos, exercitava-se na humildade, e, impunha-se a castigos corporaes tão severos, que o superior apresentava-o com frequencia como um modelo, a quem devia imitar o clero joven. Todos tinham confiança nas orações do irmão Egydio, (assim chamava-se elle) e prediziam que com o tempo seria um eminente propagandista da fé.

Egydio apenas tinha 22 annos. Eis o que relata dos últimos momentos do moribundo uma testemunha ocular. Pela tarde de 29 de Junho de 1846, o padre designado pelo superior para assistir aos enfermos do convento de Cardenha, de ordem de S. Francisco, foi ao meu domicilio, e disse-me agitadamente: «O irmão Egydio falece! Uma hemorragia pulmunar accelerou seu fim;» mas não passará pelas chamas do purgatorio, «não;» tem sido mui fervoroso discípulo de nosso santo padre S. Francisco!» «Apressae-vos, sem demora, reverendo padre, pois não tendes mais que o tempo limitado para absolvê-lo.»

Corri ao recinto do meu irmão agonizante, bastante admirado por me chamar, não sendo eu o seu confessor.

Ao ver-me, dirigiu-me um olhar cheio de ternura, e disse-me com voz mui débil: «Fechae a porta por favor.» Fiz o que me supplicou, e apezar de tudo, voltou seus

olhos para a porta, e perguntou-me si tavamos em segurança. «Sim, meu querido irmão, respondi-lhe; — não temei na ninguem pôde ouvir-nos; sinão só De que conhece e esquadrinha os corações.

«Oh! meu querido padre Ferrero, n'unico amigo na terra; não por mim, to estas precauções, porque nada temo de homens; só me restam alguns momentos de vida e nada pôdem me fazer, estou quieto por vós unicamente, por vossa própria firmeza...»

«Fallae-me de novo» — acrescentou com accento de supplica — «fallae-me outra d'esse doce repouso, d'essa secreta paz qual me tendes fallado há tres dias, quando eu vos perguntava porque lieis tão siduamente a Biblia.»

«Eu vou morrer, e nada tendes que mer de mim. Declarae-me com franqueza perante Deus que nos vê e nos ouve; somos salvos pelas obras, ou unicamente pela graça?»

«Minha vida passada, minhas orações o zelo as penitencias e macerações que tenho imposto, terão sido quiçá um ato pessoal, talvez um crime, em vez d'um sacrificio meritorio?»

«Contempro minhas obras, as melhores postas na balança do santuário e nenhum peso tem, nenhum!!!»

«As minhas obras não me pôdem alcançar a salvação. Deus aparta de mim Seu rosto.» «Si a graça e a misericórdia não vêm ocupar o lugar da terrível justiça, estou completamente perdido; ajude-me padre Ferrero; temo o olhar santo de Deus.»

«Si iniquitates observaveris Domine! Domine! Quis sustinebat quis sustinebit? (Si olhares para os peccados, Senhor! Senhor! Quem poderá estar firme?). Psalmo CXXX. 3.

Ninguem, meu querido Egydio, ninguém — respondi-lhe — mas deixae-me que continue o Psalmo: *Quia apud te propitiabit est.*

Comprehendeis isto, padre Egydio? (Me ha perdão ácerca de Ti.) *Apud Dominum querido Egydio, misericordia, et copio apud eum redemptio!* (Em Jehovah a misericordia e n'Elle está a redempção). Sim, replicou com voz débil; preciso de misericordia, e do perdão de Deus.

Não pôde articular outras palavras porque a penosa inquietação do seu espírito, a angustia do seu coração e a fr

queza do seu corpo, que a morte infunde, fecharam seus tremulos labios.

Sem embargo, os seus olhos permaneciam fitos nos meus; parecia que esperava alguma palavra de consolo. Sim, acrecentei eu, a santa Biblia annuncia aos pobres peccadores, que somos salvos por graça, por meio da fé; a fé naquelle que Jesus fez por nós sobre a cruz.

«Lembræ-vos d'aquillo que vos disse no outro dia, «*Palavra fiel e digna de ser recebida por todos: que Christo Jesus veio ao mundo p'ra salvar os peccadores, dos quaes eu sou o primeiro.*» (1º Timotheo 1:15.) Ai! como temos cahido!

«Quão insensatos somos conflando em nossas obras, quando o mesmo Deus tem dito: «*Porque pelas obras da lei nenhuma carne se justificará perante Elle.*» (Romanos V. 20.) Mas escutae isto;

«*Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Christo.*» (Romanos V. 1.)

«Eis ahi uma redempção perfeita, uma graça abundante, e um perdão eterno.»

«Ide, padre Egydio, ao verdadeiro throne da graça; n'elle está assentado o Filho de Deus, Elle é o que está adextra da Magestade Divina.

Elle é o fiel e misericordioso summo Sacerdote das causas que pertencem a Deus, havendo feito a reconciliação pelos nossos peccados.

Prestae attenção a isto: não está escripto que nossos jejuns e orações; que nossa privação de certos alimentos ou de certos gozos; que nossas macerações e penitências, nossos ritos e sacramentos nos preservem dos tormentos vindouros ou nos purifiquem dos nossos peccados.. Não! mil vezes não! O precioso sangue de Jesus Christo sómente pôde purificar-nos das nossas iniquidades.

Escripto está pelo Espírito de Deus, nas santas Escripturas, que «*ha um Deus e um Mediador entre Deus e os homens, Jesus Christo homem o qual Se deu a Si mesmo em resgate por todos.*» (1º Timotheo II. 5.6)

E n'outro logar diz: «*Si algum tiver pecado, Advogado temos para com o Pae, a Jesus Christo o Justo: e Elle é a propiciação pelos nossos peccados: é não sómente pelos nossos, mas tambem pelos de todo o mundo.*» (1º João II. 1: 3.)

Meu querido Egydio, sei que estaeas convic-

to de que sois peccador: estae igualmente de que é veraz quanto diz este livro.

Ao pronunciar estas palavras, eu apontei-lhe com o dedo este verso: «*Fedetis sermo, et omni acceptione dignus quod Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores/ salvos facere, quorum primus ego sum.*»

(Palavra fiel e digna de ser recebida por todos: que Christo Jesus veio ao mundo para salvar os peccadores, dos quaes eu sou o primeiro.) (1º Timotheo 1:15.)

Este verso nos ensina, que Jesus é o Salvador, ainda para o peccador mais vil.

Crêde o que diz a palavra de Deus. Confiai sómente no valor do sacrifício perfeito de Christo, nesse sangue precioso que não é estranho a Deus, e dentro de alguns momentos estareis com Elle, com Jesus no Paraíso.

Como o sedento apaga com delícia sua sede no manancial de agua fresca, que emana da rocha, e que lhe foi indicada por um companheiro de viagem que também tem saciado sua ardente sede no mesmo manancial, assim meu querido irmão se refrescava gozoso nas aguas vivas, que nascem da rocha dos séculos, Jesus Christo.

Ainda que ja não possuia forças suficientes para articular uma só palavra, sem embargo, ainda conservava todo o seu conhecimento; seu olhar doce e risonho permanecerá sempre gravado no meu espirito.

Nisto chamaram á porta; eu abri-a.

O superior do convento entrou acompanhado do doutor, e, como viu o enfermo coberto com suor frio da morte, mandou tocar o sino fúnebre, que devia juntar a todos os frades ao redor do seu companheiro moribundo, para que orassem segundo os ritos da Igreja nesta solemne occasião.

Quando estavam reunidos, uns no recesso, outros fora delle, ajoelharam-se e repetiram unanimemente uma serie de invocações.

O superior perguntou-me si o havia confessado. Respondi-lhe que não.

E como suppos que o enfermo não podia se confessar por estar agonizando, concedeu-lhe a absolvição papal conforme os ritos e sub conditione; depois o borrou com agua benta.

Em quanto isto se fazia, o pobre Egydio

apertava com seus dedos frios e delgados a Biblia que descansava sobre seus joelhos, e sacudia com frequencia sua cabeça.

Por ultimo, fazendo um supremo esforço, meu querido irmão juntou as poucas forças que lhe restavam, e, lançando sobre mim um olhar doce bradou com voz clara e sonora, enquanto que uma paz celestial brilhava no seu rosto: «*Bone Jesus! Vulnera tua merita mea! Si! si! mea; Jesus!*»

Logo cruzando seus braços e levantando os olhos ao céu rendeu o espirito.

«Oh!, bom Jesus! Tuas feridas são os meritos meus. Sim!, sim, os meus! Oh! Jesus!» Esta foi a ultima confissão do padre Egydio.

Ah!, queira Deus que essas palavras de S. Bernardo, repetidas por meu amigo: «Bom Jesus, tuas feridas são os meus meritos!» sejam recebidas e comprehendidas por milhares de almas.

O padre Egydio foi martyr de suas pertenencias e austeridades: para os homens era um anjo sem faltas de nenhuma especie, e sem embargo, seus exercicios corporaes de nada lhe serviam: nenhuma paz, nehum descanço attingiram a sua alma.

A fé, só a fé em Jesus, Deus manifestado em carne, é o unico manancial da piedade verdadeira que «para tudo aprobeita, pois tem a promessa d'esta vida presente e da vindoura.» (1º Timotheo IV. 8.)

Nos seus ultimos momentos mostrou o padre Egydio, que tudo quanto tinha feito para purificar seus peccados e comprar a Deus, que toda a Sua justiça nada era perante Deus, e só a fé no precioso sangue de Christo pôde purificar o pecador.

Agora espera com prazer a redempção do seu corpo, quando Jesus volte com todos aquelles que vêem n'Elle e para quantos têm sido feito por Deus. «Sabedoria, Justiça, Santificação, e Redempção.»

Leitor, não ha mais que uma só porta: Jesus! Só ha um caminho: Jesus! Não ha mais que um Salvador: Jesus e sempre Jesus! Que sejas frade ou não, pobre ou rico, instruido ou ignorante, joven ou velho, qualquer que seja a tua vocação n'este mundo, para seres salvo e feito capaz de glorificar a Deus, é necessario que faças como o padre Egydio: afastar o teu olhar de ti e de tuas obras para confiar

em Jesus, «o qual levou nossos peccados no seu corpo sobre o madeiro, para que estando nós mortos aos peccados, vivamos a justiça; por cujas feridas fostes curados.» (1º Pedro II. 24.)

Agora uma mais para terminar.

E's salvo? Tens a paz da tua alma?

Gozas da alegria christã?

Queres possuir estas bemaventuranças?

Sabe que salvação, paz e alegria, acham-se em Christo.

Accaso diz a palavra de Deus que isto se encontra, n'algum outro ser, ou em qualquer outra causa?

Porque, pois havemos de confiar n'outra causa, do que no que Deus nos diz?

CORRESPONDENCIA

Faxina

Snr. Redactor:

Attendendo ao vosso honroso convite, com prazer pego da pena para escrever algumas linhas para o vosso sympathico jornal do qual tenho a honra de ser agente.

Para dizer o que é, hoje, a Igreja da Faxina, convem fazer um rapido historico da sua fundação. E' o que vou tentar.

Foi em Outubro de 1875, que aqui chegou, pela primeira vez, o Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, trazendo a este povo mensagem Divina de Graça e Amor.

Com quanto fosse naquelle tempo, quasi que completamente desconhecida a religião de Jesus, todavia foi esse illustre Evangelista muito bem acolhido pelo hospitalero povo d'esta Cidade. Com facilidade conseguiu um espacoso sobrado para realisar a sua primeira conferencia que versou sobre o thema *Examinae as Escrituras.*

Mais de cem pessoas assistiram-na com todo interesse e respeito. No decorrer da conferencia não houve siquer uma nota dissonante. Porém ao ser terminada levantou se dentre os ouvintes o Dr. Faustino Ribeiro e num discurso disse, que nada digno de censura tinha ouvido do pregador, acrescentando entretanto que a Biblia usada pelo Rev. Antonio Pedro era falsa.

O illustrado conferencista energicamente

combateu as proposições do Dr. e convideu-o para uma conferencia publica que versou sobre o seguinte: Será permittido a cada individuo ler por si mesmo e procurar entender a palavra de Deus? O Rev. Antonio Pedro tomou a affirmativa e o ex-juiz municipal, Dr. Faustino, a negativa.

Fallou o Snr. A. P. de Cerqueira Leite, em primeiro lugar, que teve como unica nota dissonante um *não appoiado*. O Dr. Faustino que, (honra lhe seja dada) não primava pela oratoria e nem pela logica, não teve a mesma felicidade do seu antagonista.

A proporção que o Dr. argumentava os bancos iam ficando vazios até que afinal teve que calar-se por falta de ouvintes... Assim terminou a conferencia com tremendo desastre para Roma e estrondosa victoria para o Evangelho.

(Por fim, soube-se que o *importante* trabalho do Dr. Faustino custou ao parochio a bagatella de cem mil réis.) Desde então começou o Evangelho a ganhar terreno.

Em Abril de 1877 o Rev. Antonio Pedro repetiu a sua visita a esta cidade cujos factos desde logo começaram a aparecer.

Em dezembro daquelle anno e em julho e setembro do anno seguinte, oito (8) pessoas (de Faxina e Lavrinhas) uniram-se á Igreja Evangelica Presbyteriana de Sorocaba.

Em outubro de 1878, o bravo Evangelista tornou a esta cidade prégando por alguns dias o Evangelho, não obstante a tenaz oposição do parochio Sizenando, então influencia politica.

Desta vez deixou S. S. muitas pessoas interessadas no Evangelho, sendo assim que, a 4 de maio de 1879 pôde receber por profissão de fé tres (3) pessoas que, renunciando publica e solemnemente os erros de Roma, abraçavam as doutrinas do Nazareno.

Na mesma occasião organizou a Igreja Evangelica Presbyteriana desta Cidade cuja primeira communhão constou de oito (8) pessoas.

Em outubro do mesmo anno o dedicado pastor visitou a nascente Igreja, pregando consecutivamente do dia 17 a 21. Recebeu, desta vez, á communhão da Igreja, seis (6) pessoas e baptisou cinco (5) creanças.

Em abril de 1880 o mesmo pastor com

verdadeiro jubilo vendo a palavra semeada florescer e dar fructo recebeu por profissão mais cinco (5) crentes e baptisou cinco (6) creanças.

Assim crescia n'esta terra o numero daquelles que abraçavam o Nome sacro-santo de Jesus como o seu Unico Salvador.

Depois de muitas e muitas visitas do pastor, já em junho de 1883 contava a Igreja em seu seio oitenta e dois (82) membros !

Attendendo á necessidade aliás urgente da Igreja, fez-se eleições para Presbyteros regentes e Diaconos. Eleitos dois presbyteros no dia 4 de maio de 1880, foram, no dia 7 do mesmo mez e anno, investidos do alto cargo para o qual os chamou a Providencia Divina.

No dia 8 do referido mez foram ordenados 2 diaconos eleitos tambem no dia 4.

Foram esses os relevantissimos serviços prestados a esta Igreja por aquelle que no mundo chamou-se Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

Chamado para entrar no goso de seu Senhor, o fiel mensageiro das Boas Novas, ainda em pleno vigor de suas forças, foi habitar o Edén Celestial, donde ha dezes-sete annos contempla o progresso sempre crescente da Igreja já fundada pelo seu zelo, consagração e decidido amor á causa do Senhor Jesus.

No proximo numero trataremos dos abundantes fructos colhidos pelos seus ilustrados e dignos sucessores.

Faxina, março de 1900.

J. S. PEREIRA.

Salvação pela Graça e não pelas Obras

CONTRA O ESPIRITISMO

O Reformador

Tivemos occasião de ver, por acaso, no n. 408, de 1º de Março, deste collega, que o seu artigo de fundo (de mais de 5 coluninas) é todo elle dirigido á nossa humilde folha, pretendendo refutar algumas das asserções de um artigo sob o título *Todas as religiões são boas?* que sahiu no n. 97, de Janeiro, e que o collega julga dirigido para si.

Confessamos que nem de leve tivemos essa intenção, como é facil verificar pelo

assumpto geral do artigo, e só mesmo o espirito muito prevenido do collega, é que poude ver isso; pois uma phrase que tanto se applica ao espiritismo, como á maçonaria, como ao romanismo, — *regeneração e aperfeiçoamento pelas boas obras*, o collega tomou-a só para si.

Só agora ficamos sabendo que o collega escreveu alguma cousa contra nós, pois nada tinhamos lido a respeito; ou esse numero não nos chegou ás mãos.

Ficariamos portanto gratos si nos remetesse, outra vez, o n. de 15 de Novembro p. p., para vermos do que se trata.

E por este nosso pedido, fica o collega vendo que o nosso artigo não tinha *segundas* vistas.

Quanto á *salvação de graça* e não por merecimento proprio—verdade evangélica que horroriza aquelles que julgam ter *valor proprio* perante a infinita perfeição de Deus — ella está claramente ensinada nos Santos Evangelhos, e não padece contestação, nem interpretações sophísticas.

Leiamos, com espirito desprevenido, as seguintes passagens bíblicas que provam, á evidencia,

A SALVAÇÃO DE GRAÇA

Porque *pela graça* é que sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, porque é um dom de Deus; não vem das nossas obras, para que ninguém se glorie. Ephesios II; 8 e 9.

Estas palavras são de S. Paulo, que os espiritistas admitem como sendo um espirito superior, verdadeiro e perfeito. Foi divinamente inspirado. Que hermeneutica, ou que sophismas empregarão os espiritistas para perturbarem a limpidez chistalina desta passagem?...

Em geral, a estas passagens, elles respondem... com um *prudente* silencio.

E, si não, veremos agora....

Esta passagem seria mais que suficiente, para provar a verdade que nós, christãos evangélicos, pregamos; porém, vejamos outra:

— *Tendo sido justificados gratuitamente por sua graça*, pela redempção que têm em Jesus Christo. Romanos III; 24.

Justificados pela graça e gratuitamente; não pelas nossas obras. Notae bem essa afirmação.

Que responderá *O Reformador*?

Vejamos mais outra citação. «Porque, pelas obras da lei, não será justificado

nenhum homem diante delle. » Rom 3:20.

E assim como estas, poderíamos citar muitas outras passagens da Biblia, todas ellas demonstrando que as obras nada valem para a salvação do homem; porém que esta vem da fé, mediante a graça de viva.

Estas são, porém, bastantes.

Nós, evangélicos, admittimos as boas obras, porém, como consequencia natural da fé. A fé, sem obras, é morta», d. S. Paulo. A fé, sendo sincera, sendo viva, ha de, forçosamente, produzir boas obras e por isso dizemos com a Biblia — *a fé que salva*. Boas obras independentes da fé, não têm valor algum meritorio perante Deus; o valor que possam ter, é compreendido, como manifestações espontâneas da fé verdadeira; não têm valor intrínseco para a salvação do homem. Esta é a pura doutrina Escripturistica; esta é a verdade sublime que aceitamos, que cremos, que praticamos e que pregamos.

LAURESTO

A oração respondida

A «oração persistente» é de todas as cousas na terra, a mais abençoada. Faz approximar não só a benção como também o Salvador. O cap. 18 do evangelho de S. Lucas, é o capitulo que falla sobre a oração persistente.» Foi depois de um sermão sobre este capitulo que um cavalheiro chegou-se a mim, com o rosto tão triste quanto é possível ver-se n'um homem. Perguntou-me se poderia fallar-me a s

Era pessoa rica, de instrucção e ocupava logar elevado na communidade, pela sua honestidade de carácter e valor christiano. Esta foi a sua historia e resultados.

Sua esposa, a alegria da sua vida, não era christã. Apparentemente não se interessava com a igreja nem com a Biblia, nem com o Salvador. Amava a sua casa, mas era uma senhora da sociedade vivia para os prazeres do mundo.

Elle fazia tudo o que podia, orava com fervor, mas mudanças nenhuma via, e vi que o coração do pobre homem, se perturbava, ao pensar na grande necessidade da sua mulher. Perguntei-lhe se ella ia à igreja?

— Poucas vezes, muito poucas, Sr. Imman.

— Ella não gosta dos prégadores, ou das pregações?

— Não temo que não.

— E dos Evangelistas?

Elle hesitou, e o seu rosto enrubeceu um pouco.

— Não faz mal, lhe disse eu.

— Eu sei como é; ella os detesta.

— Muitos fazem o mesmo, mas Deus os ama, e isso é bastante.

Conheci que elle tinha experimentado todos os planos possíveis para ganhal a para Christo. Como era oficial da igreja e muito influente, celebres oradores e evangelistas, tinham sido convidados a pregar, na esperança de que por meio de um d'estes, podesse sua esposa ser convertida; mas sem nenhum efeito. Elle estava completamente desanimado pela friesa d'ella para o christianismo, e pela falta de auxilio dos prégadores, e das conferencias especiaes. Claramente vi que elle estava em falta e disse-lhe francamente que o achava perverso. A sua admiração e o seu olhar de surpresa sobre mim pelas minhas palavras, eram de assustar.

— Sim, disse-lhe, penso que o senhor é um perverso. Tem procurado para a sua esposa os servos de Deus para ajudal-o, em vez de procurar a Deus, a elle só. E, em Jerémias, cap. 17, v. 5, eu lhe li: «Maldito o homem que confia no homem, e põe a carne por seu arrimo.»

Tendes olhado para as dificuldades e a vossa fé tem se enfraquecido. Tendes posto a vossa esperança nos homens e nas pregações, quando devieis esperar em Deus; e assim sois «como a tamargueira no deserto, que não sente quando vem o bem.» Si eu fosse o senhor, me arrependeria e obraria de outra fórmia. O' Sr. Yatman, diga-me o que devo fazer; por favor, diga-me. Meu coração acha se despedaçado por esta causa. Ella é tão boa esposa, si ella só fosse christã para o seu próprio bem e para o bem das creanças. Não ha nada que não farei ou não darei, só para que ella seja salva. Podereis ajudar me?

— Experimente a perseverança na oração, disse-lhe eu.

— Como? Diga-me como?

Eu disse-lhe como deveria fazer, fechar-me-hia n'um quarto sózinho com Deus, orando, e não sahiria do logar de oração sem que tivesse a certeza de que a minha petição seria ouvida e respondida.

Com um semblante em que se lia a de-

terminação, saiu da igreja. Era um architecto. Na sexta-feira tirou dinheiro do banco para pagar aos seus operarios. Chamou o mestre e deu-lhe o dinheiro com as seguintes instruções: pagai amanhã aos trabalhadores, porque provavelmente não estarei aqui amanhã. Sabbado de manhã: bem cedo, muito antes de ser dia, levantou-se, dizendo a sua mulher que talvez não voltasse n'aquelle dia, nem no outro. Sua esposa, aniosamente perguntou-lhe aonde ia e porque; mas elle evitou responder-lhe. Saliu de casa e caminhou para o fim da cidade aonde estava uma porção de casas acabando-se de construir. Então, caiu de joelhos, reverente e ardente mente, disse a Deus que não deixaria aquelle quarto, enquanto não lhe dásse a certeza de que sua querida esposa, a mãe de seus filhos se convertesse. O quarto estava completamente vasio. O sol tinha subido no oriente e elle ainda orava. Toda manhã, ajoelhado ou andando, orava. Chegou o meio dia e elle disse: — Estou cansado, Senhor! o corpo pede alimento mas eu não deixarei este quarto, enquanto não déres resposta ás minhas petições.

As longas horas da tarde, passaram vagarosamente, e ainda elle orava. Seis horas, sete, oito horas agora. Pela janella, elle poude vér que os lampeões das ruas estavam accesos. O velho relogio da cidade batia as horas. Nove horas estão passando. Olhai e vede-o luctando em oração. E' a batalha da fé. Assim, como o corpo se enfraquecia pelo excesso, o desejo do coração crescia cada vez mais. Vagarosamente mas a duvida ia desapparecendo.

— Ainda que Elle me mate, eu confiarei n'Elle.

São dez horas. Dez e meia, dez minutos mais ainda. Olhai! Olhai! Vede este homem que está luctando alli no chão! Que luz é aquella que se vê no seu rosto? O que é que ouço dos seus labios? dai vivas, anjos de luz! Louvai o filho do homem.

Este homem prevaleceu na oração. De Deus veiu-lhe o que só vem para aquelles que adquirem o segredo da perseverança na oração.

Uma resposta tão certa como Deus é Deus. Elle, agora, tinha a certeza de que sua mulher seria salva. Jehoval lho tinha dito. Extranho, não, que sua esposa na manhã seguinte, lhe dissesse: — Eu vou contigo hoje á igreja.

Elle alegrou-se muito, mas com tudo não

esperava em resultados terrestres. Quer ella fosse ou não fosse á casa de Deus, a sua fé não se abalaria. Oihava para o mānancial de todos os poderes, que obraria do seu modo, contudo alegrava-se. O sermão era muito bom, mas a mensagem do ministro era para aquelles que se achavam tristes. Sua esposa sahiu enfadada e fallou bastante sobre isso, mas nada dessas coussas podia mover-o agora, o seu pé de fé estava seguro sobre rocha. A' tarde, sua esposa disse-lhe que ia ao culto.

— Mas, minha querida, quem vai pregar esta noite em nossa igreja. é o evangelista.

— Não me importa, eu vou; a Sra. B. disse-me que o ouviu e gostou muito, e eu vou.

A igreja estava repleta. Eu o vi sentado em baixo, á minha direita, junto á galeria; e, ao seu lado direito uma senhora que, pelos seus modos, conheci ser a sua esposa. O meu desejo foi que o meu sermão pudesse servir para ella, mas, ai de mim! ha ocasiões, quando o pregador tem boas inspirações, e momentos quando não as tem. Eu estava tolhido, sem desembraço; os meus argumentos misturavam-se, apezar dos meus esforços em contrario, parecia um completo insucesso. Abandonei o sermão, e comecei a contar como Jesus tinha salvo a um pobre peccador como eu. Contei a viagem de Paulo para Damasco e a sua experiência. Assim como fui fallando sobre a historia do Salvador, como Elle pôde salvar-nos e guardar-nos, manifestou-se no auditório um novo espirito. Alegrei-me, pois o Senhor não quer só os sermões eloquentes para ver os resultados. Então, dei o convite. Foi claro e sem rodeios, e enchia uma confiança em Christo, que faz aquelle que o busca não se envergonhar de confessar publicamente a santificação e resurreição do Senhor Jesus. Convidei os, dizendo: Si ha aqui alguma pessoa que queira confessar os seus peccados e seguir a Christo, que entre nesta sala de leitura atraz do pulpito, que eu irei fallar-lhes, e orar.

Hoave um momento de silencio, quando subitamente a esposa d'aquele cavalheiro levantou-se. Isso fez causar viva emoção. Mais de 50 pessoas seguiram a até á sala, e eu nunca vi o poder de Deus, na conversão, mais gloriosamente manifestado do que nessa sala de leitura, onde todos passaram da morte para a vida. Tenho visto homens cheias de alegria, mas não

tanta como a deste, que sahiu da reunião com a sua esposa, como si fosse uma rainha. E, desde esse tempo, tem sempre a alegria reinado no seu caracter puramente christão.

Felizes são aquelles que sabem o valor da perseverança na oração.

Trad. por G. F. E.

As Irmãs de Sevilha

(Continuação)

Ignez sahiu e o frade foi á procura de Clara, que elle julgava encontrar com o genio mais brando. Ella era mais nova e sempre tinha sido mais facilmente levada por elles; mas o frade encontrou-a tão decidida como a irmã.

— Como poderei eu abandonar as mais bellas novas que tenho ouvido? disse ella em resposta ás suas instâncias para confessar.

— Nunca o farei, mas sim a Deus, que é sobre tudo, Deus que é bemido para sempre.»

O frade estava quasi fóra de si. Não podia retel-a, porque ambas iam deixar o convento aquella manhã; e tinha medo da ira de D. Diogo si elle soubesse. Contraria então o facto a D. Brigida e lhe pediria que as espissasse com cuidado. Deu ordem severa que não vissem pessoa alguma até sahirem, sinão á esmoler,—uma mulherzinha fervorosa que trouxe-lhes leite e pão e esforçou-se a persuadil-as de se retractarem.

— Ai de mim, minhas filhas, soluçou ella. Nunca d'antes aconteceu semelhante desgraça ao convento, e logo por meio da madre das noviças! Ah! Ella não estava contente de perder a alma d'ella e arriscar as vossas! Minhas filhas, queimai o livro que ensina esse peccado.

— Porque, madre, disse Clara. As palavras são de Deus e, si as lerdes, vos regozijareis como nós. Haverá algum mal em ter certeza do céu?

— Estás certa do céu? Acho que é uma illusão e a pobre madre Agnetta bem sabe disso. Minhas filhas, não ha segurança fóra da santa Igreja.

— Não ha segurança nella, madre Magdalena e em nenhuma outra cousa a não ser em Christo. Leia o livro e então vereis por vós mesmos, disse ella, puxando o

Novo Testamento de dentro da larga manga.

— Eu tocar nisso ! Virgem Santa, jogarie no fogo, como seria tambem o vosso déver fazer, minhas filhas. Tomem cuidado que D. Diogo não o ache, porque então serieis recolhidas á Triana. Elle não tolera a heresia. Tomem nota, lhes digo, da sorte da vossa mãe.

— Ah ! disse Clara, conte-nos alguma cousa da nossa mãe. Pouco me lembro d'ella, mas sei que era meiga e agradavel ; depois, Ignez e eu fomos mandadas para fóra de casa... e então ouvimos que ella tinha morrido.

— Ella morreu num calabouço da Triana, disse a freira. — Como vós, ella leu o livro prohibido e, quando vosso pai tendo-o achado o queimou, ella disse :—Suas verdades estão escriptas no meu coração ; não podes queimá-las.

— Querida mãe ! Nobre mãe ! Seguirei os teus passos, disse Ignez, com o olhar que indicava que nenhuma proyação seria capaz de atemorizar o seu espirito. Tuas filhas estão no mesmo caminho, e encontrar-nos-hemos todas lá no céu.

— Santa Madre ! Vós sois peiores do que ella, disse a freira. Olhem, senhoras, lá está a carruagem com D. Brigida. Apressem-se, que elles vem por aqui.

Dentro em pouco, Ignez e Clara reuniram-se com a aia na sala da abbadessa ; mas já o padre Luiz havia comtudo tudo que se tinha passado, ordenando lhe que fizesse uma vigilancia severa.

— Quando Ignez chegar aos dezoito annos, disse elle, pôde tomar os votos, mas até lá não deve sahir de casa.

D. Brigida prometeu ; mas, estava resolvida a ouvir as cousas contadas pelas proprias raparigas, pois que não gostava do frade. Não foi permitido ás irmãs ver nenhuma das freiras para despedirem-se, e depois de um frio adeus da abbadessa, deixaram o convento.

CAPITULO II

EM CASA

Em quanto a carruagem movia-se com dificuldade sobre o caminho — porque na quelles tempos não eram bem feitos — os pensamentos dos seus passageiros conservava os calados ; Ignez e Clara desejando e ao mesmo tempo temendo o encontro com seu pae, e a aia, que era uma mulher de coração benigno, pensando como poderia

melhor leval as a Diogo sem contar-lhe nada ; pois que ella sabia que uma explosão de raiva seria a consequencia. Lembrou-se, então, do seu velho confessor, padre Eustachio ; contar-lhe hia, e deixaria tudo sob seus cuidados ; si elle quizesse contar a D. Diogo, bem ; porém ella, nunca, pois que não queria trazer mal sobre as jovens cabeças. Então, foi-lhes fallando sobre a belleza da sua nova casa e da sociedade em que iam entrar, até que os semblantes das duas irmãs se tornaram tão alegres como o della. A tarde tinha findado antes de chegarem ao castello de De Valdez e de entrarem pela avenida das arvores de cortiça que levava á casa.

O ar vespertino estava cheio de perfume das flores de larangeira e de cidra e no céu brilhavam as estrellas do poente. Um grande portão de bronze dava entraida para o pateo interior e as colummatas com seus pilares de marmore luziam como prata ao luar.

Ao redor do paço via se grandes grupos de larangeiras e limoeiros e no centro uma fonte com um repuxo d'água que cahia na bacia com um som cadenciado.

O mordomo veiu receber as irmãs e levou-as ao pateo, seguidas pela ama. Cadeiras e bancos estavam espalhadas por todo o lugar e por entre as pilastres ellas podiam distinguir as portas ornamentadas que davam para dentro da casa.

Um homem elegante de ar nobre e altivez accentuada em todos os traços do seu rosto castelhano levantou-se de entre os coxins para recebel-as ; e por um momento pareceu impressionado pela bella visão das moças ao tirarem as suas grandes mantilhas pretas.

«Sejam bemvindas, minhas filhas,» disse elle em quanto as moças lhe beijavam timidamente a mão estendida. «Agora espero que esquecereis as maneiras e os modos do comento e lembrar-vos-heis que sois De Valdez, coherdeiras da minha casa e do meu nome.

«Ellas não hão de deshonrar este nome, D. Lopez ;» acrescentou elle voltando-se para um cavalheiro ricamente vestido de setim roxo que sentava-se ao seu lado.

«Flores tão fragrantes nunca adornaram um paço,» foi a resposta. «Senhoras, eu peço licença para beijar os vossos pés.»

D. Ignez sorriu-se respondendo á galante corteza de D. Lopez de Valdez, que D. Diogo apresentou como primo seu, e

sobrinho do Grande Inquisidor. A este nome tão terrível ambas tremeram; e seu seu pae mandou-as que se retirassem para descansar e comer alguma cousa.

«Que pensas da tua futura noiva, Don Lopez?» perguntou elle. «Ignez excedeua todas as minhas esperanças em graça e beleza; e decerto educada, onde foi, é uma verdadeira devota de Nossa Senhora. Estás satisfeito, amigo?»

«Ambas são bellas. Que sensação não farão aquelles olhos em Madrid! Estou satisfeito, sim, e mesmo sem ó dcte.»

«Terás o dote tambem. Ambas são herdeiras. Estou pensando em Carlos de Vellas para Clara; elle é devoto, e sua familia não é melhor do que a minha.»

«Nenhum é mais nem menos honrado do que essa alliança,» replicou D. Lopez. «Irei fallar com elle, se te agrada, pois o conheço bem.»

«Sim, amigo: Clara é uma criança meiga e D. Carlos serve para ella. Já te retiras? Ainda é cedo.»

«Preciso ir a Sevilha, mais irei logo que voltares da Hollanda, Adeus. Os portões do pateo fecharam-se e D. Diogo ficou só.

Entretanto, D. Brigida tinha acompanhado as moças até aos seus quartos, que estavam preparados com todo o luxo; sobre cujo luxo a boa dama não deixava de se expandir continuamente. Abrindo a porta de um pequeno gabinete esmeradamente enfeitado, mostrou-lhes um pequeno oratorio com uma especie de janella pintada, contendo um altar, crucifixo e velas inteiras; havia tambem um genuflexorio e alguns livros de devação.

«Olhe, D. Ignez; já viu alguma cousa tão bonita?» Disse a ama. «Vosso pae deu-vos de presente a ambas; o crucifixo foi abençoado por sua santidade. Oh, sois umas meninas felizes.»

«A resposta de Ignez foi obstada pela entrada de uma rapariga de olhar vivo e penetrante trazendo chocolate e algumas iguarias. Ella mirou as irmãs com um olhar prevenido, enquanto collocava-as sobre a mesa.

«Esta moça é Julieta que será a vossa criada de quarto,» disse D. Brigida. «Ella é muito devota e quando a sua irmã se casar fará profissão no convento de Santa Catharina, pois foi educada lá.»

«Conheci a senhora quando, estando

lá tinha o nome de Irmã Joanna,» disse a creada; «mas deixei o convento ha dois annos para servir a minha mãe e voltarei para tomar o veu daqui a um anno.

Ignez olhou para sua irmã. Lembravam-se muito bem da irmã Joanna, dos seus modos falsos e inquiridores; mas tinham de se arranjar do melhor modo, e queriam vel-a o menos possivel. Dando boa noite á dama e dizendo a Julieta que estavam muito cançadas para arrumarem as bagagens aquella noite, as irmãs ficaram sós.

(Continúa.)

NOTICIARIO

FESTA INTIMA. — Realisou-se na quarta-feira, 4 do corrente, uma festa fraternal convocada pelo Pastor Sr. Santos, em commemoração do 14º anniversario da inauguração da nova Casa de Oração da ruia Larga.

Depois de cantado um Hymno, e lida uma passagem das Escripturas Sagradas, foi cantado pelo côro, o *Te Deum Laudanus*, (Psalmos e Hymnos 225). Em seguida o Sr. Santos tomou a palavra e resumidamente fez o historico da fundação da igreja, das perseguições que se lhe seguiram, pois era absoluta novidade para o povo que pensava que se tratava de feitiçaria. O Sr. Santos leu muitos trechos de notas que dia a dia escreveu e de impressos que collecionou. Tambem leu a noticia que a *Imprensa Evangelica* deu por occasião da inauguração da nova Casa em 1886. No fim leu os nomes dos 201 que já estão nos céus, o que provocou um profundo silencio.

Em seguida tomou a palavra o Rev. Leonidas Silva, que historiou o movimento em Pernambuco e terminou apresentando as saudações da Igreja em Nictheroy e depois o Rev. H. Gärtner que fez um discurso analogo ao acto.

O Sr. Santos então deu a palavra a diversos irmãos que saudaram jubilosamente a Igreja por tão auspiciosa data.

Cantado o hymno «Vamos nós trabalhar» e invocada a benção, o Pastor Sr. Santos, convidou as pessoas presentes a aceitarem uma chavena de chá com doces.

Eram 10 horas.

O Sr. João M. G. dos Santos deve ver com jubilo, o progresso que a Igreja tem feito durante os 24 annos que tem estado sob os seus cuidados.

S. C. DE MOÇAS.—A reunião mensal desta Sociedade teve logar no dia 1º de Março, em sua séde á rua de S. Pedro, com assistencia de 17 pessoas.

Péde-se ás socias que ainda não receberam seus cartões de reconhecimento, o favor de reclamal-os.

A Directoria agradece ao senhor Gaudencio Ferreira, o donativo de 60\$500, que fez á mesma Sociedade e que angariou por meio de uma subseripção entre seus amigos, em Tieté, Estado de São Paulo.

A Secretaria Geral péde ás consocias, suas orações pelas que se acham doentes.

Março de 1900.

IGREJA EVANGELICA FLUMINENSE.—Foram recebidos em comunhão com esta Igreja; em 1 de Abril:

Francisco José Rabello, Antonio Gonçalves Cruz Vellozo e Bernardino da Cunha Gonçalves.

PUBLICAÇÕES.—«Uma nova bandeira ou a Educação Christã e a Formação do ministerio presbyteriano», brochura de 228 paginas, contendo os artigos que foram publicados no «Estandarte» pelo Rev. Eduardo C. Pereira, advogando o seu modo de ver, na questão do Seminario Theologico de S. Paulo, questão essa que tem de ser resolvida na proxima reunião do Synodo, em Julho deste anno. Agradecemos o exemplar com que foi obsequiada esta Redacção.

«O pulpite Evangelico». Recebemos o folheto, comprehendendo os ns. 1 e 2 (Janeiro e Fevereiro) deste anno, desta excelente publicação evangelica. Tomamos a liberdade de fazer notar apenas, que faz-se sentir muito é a falta de nitidez na impressão typographica.

—Pela primeira vez recebemos «O Protesto», desta capital; e o «Correio Brotense», de Brotas.

«Religião do Estado» «Propaganda pela igualdade de cultos segundo a lei»

polo Dr. N. S. C. E' a collecção dos artigos, que sob este mesmo titulo do folheto, foram publicados nos ineditórios do «Journal do Commerce» desta capital e editórios do «Expositor Christão», desde Outubro de 1899 a Fevereiro de 1900. Tem 64 paginas; e a impressão faz honra ás oficinas da Casa Publicadora Methodista, d'onde saiu.

Vende-se a 500 reis o exemplar, á Rua da Ajuda n. 20.

Sobre o valor do livro, nos eximimos de dar opinião, e nos damos por suspeitos, porque o author é *gente de casa*; e mais «louvor em boca propria é vituperio» diz o dictado. Quanto ao assumpto tratado, podemos dizer que é de palpitante actualidade e grande interesse, para nós protestantes. Fazemos votos a Deus, para que esse trabalho e esforços do nosso compatriota sejam bem sucedidos.

—«O Apostolo». Ultimamente este nosso collega, representante do catholicismo, tem nos honrado com a sua visita; o que não quiz fazer no principio. Outros representantes do romanismo a quem temos enviado nossa humilde folha, permanecem firmes no prosposito de não fazerem o mesmo, isto é,—permutar comnoseo.

São modos de ver ..

FALLECIMENTO.—Lemos no «Distrito de Portalegre» uma notícia circunstanciada do falecimento e do funeral da exma. Sra. D. Sarah Robinson, esposa do Sr. George Robinson falecido ha poucos annos, proprietario da maior fabrica de rolhas de Portugal e de uma fabrica de tecidos.

Esta senhora ajudava o Evangelho em Portalegre e em Lisboa por intermedio do estimado irmão Sr. Manoel dos Santos Carvalho.

O seu falecimento deu-se a 26 de Fevereiro.

Este jornal conta o seguinte sobre a bondade daquella senhora:—«Não faltando das esmolas diárias, que se davam em sua casa, todas as semanas muitos desgraçados alli iam receber quantias estipuladas pela bondosa senhora, conforme as necessidades de cada um.

Quando lhe constava que alguma família vivia em tristíssimas circumstâncias, imediatamente mandava certificar-se da

verdade e essa familia tinha no seu coração um lugar, para que nunca fosse esquecida». E depois cita varios casos de soccorro a necessifados. Mais adiante diz: «A sua carteira estava sempre aberta para os pobres. Chegava a dar a feria a algumas mulheres que se lhe iam queixar de que os maridos a tinham perdido no jogo. E no seu rosto uanca havia um minimo signal de enfado para os necessitados.

Dizia a virtuosa senhora: «O dinheiro nada vale sem se lhe dar o verdadeiro caminho! E com os pobres repartia e aos pobres dava tudo.

O seu funeral foi imponentissimo. Além de todos os operarios das fabricas de rollas e lanifícios, de seu filho Wheelhouse Robinson, iam os operarios de 5 ou 6 outras fabricas, representando diversas sociedades e associações, da imprensa e muitas pessoas gradas. Officiou no cemiterio o Sr. Manoel dos Santos Carvalho, de Lisboa. A Philharmonica Euterpe tocou durante o trajecto. A corporação dos Bombeiros formou á frente do cemiterio, esperando o prestito. Na occasião da passagem do ferretro, tiraram os chapéos e o clarim tocou em funeral. Calcula-se o acompanhamento em 2.000 pessoas.

D. Sarah Robinson nascera a 4 de Setembro de 1820.

O trabalho evangelico tão efficazmente ajudado por esta familia em Portalegre, é feito pelo sistema independente ou congregacionalista, para cujo ministerio tinha mandado estudar na Inglaterra seu falecido filho Alvaro.

Sentimos devéras essa perda tão sensivel para a causa do Evangelho em Portugal.

Agresentamos os nossos pezames á distinca familia Röbnison e desejamos que o Senhor encha a mais e mais de zelo pela causa do Senhor.

LISBOA. — No dia 11 de Fevereiro ás 7 1/2 da noite foi organizada a Congregação da Estephania, baptisando-se 48 pessoas.

Dirigiram os trabalhos da inauguração os Revs. Robert H. Moreton, ministro da Igreja Methodista do Porto e o Sr. José Augusto Santos e Silva. Commungaram 67 pessoas.

A concorrência de povo foi enorme.

Continuam a ajudar nesta obra o Sr.

José Augusto e o Sr. Antonio Rodrigues que está estudando para o ministerio.

Cumprimentamos o Sr. Julio Francisco da Silva Oliveira, por ter a alegria de vê coroados do bem exito os seus incessante trabalhos evangelicos.

CURIOSIDADE. — Nenhum seculo principia por quarta-feira, nem sexta, nem sabbado. O mez de Janeiro começa no mesmo dia que o mez de Outubro, exceptuando nos annos bissextos. O mesmo succede com Setembro e Dezembro, com Abril e Julho, com Fevereiro, Março e Novembro, que respectivamente principiam no mesmo dia da semana.

O primeiro dia de Maio, Junho e Agosto não cahe nunca no mesmo dia da semana.

No anno passado Janeiro e Outubro começaram no sabbado; Fevereiro, Março e Novembro na terça-feira; Abril e Julho na sexta; Setembro e Dezembro na quinta; Junho na quarta; Maio no domingo e Agosto na segunda-feira.

O anno bissexto, entretanto, destróe este arranjo. O Natal cahe sempre no mesmo dia da semana que Anno Bom e o anno termina sempre no mesmo dia da semana em que começa. Este anno começou num domingo e terá por conseguinte 53 dominigos, o que só succede 14 vezes num seculo.

Raras vezes é o numero do anno um quadrado: 1764 foi o quadrado de 42, 1849 o de 43 e 1936 sera o de 44. — *Extr.*

REPRODUCCÃO ESPANTOSA. — Em 1789, haviam em França cerca de 60 mil religiosos de ambos os sexos, sendo 23 mil homens e 37 mil mulheres.

Ora hoje existem em França: 160 mil religiosos, dos quaes 30 mil homens e 130 mil mulheres!

As congregações possuem hoje em França cerca de 11 a 12 bilhões de francos !!

E' espantoso !

ANNUNCIOS

"Religião do Estado"

PELO DR. N. S. C.

Vende-se a 500 rs. o exemplar, na rua da Ajuda n. 20 e nas livrarias Laemmert e Alves & C., á rua do Ouvidor.